



**SALUD, GLORIOSO POVO ESPANHOL!**

No dia do aniversário da eclosão da guerra de "invasão militar colonizadora" do imperialismo alemão e italiano que se desenrola em Espanha, o Partido Comunista, exprimindo o sentir unânime de todo o povo português, saúda fraternalmente os seus irmãos espanhóis que se batem com o maior heroísmo pela causa de toda a humanidade avançada e progressiva e exorta toda a população laboriosa de Portugal a apoiar, praticamente, a luta do glorioso povo espanhol, até ao seu completo triunfo.

Neste dia simbólico de luta, o Partido Comunista reforça os apelos que tem dirigido á C.G.T. e a todos os antifascistas para a constituição imediata da Frente Unica Proletária e para o reforçamento da Frente Popular de luta contra a Guerra e o Fascismo assassino!

O povo português acompanha com sentida emoção a luta que se trava no país vizinho. O povo português sente, com profunda dor, os sofrimentos do povo espanhol. Chora de alegria quando as armas da República se cobrem de glória nos campos de batalha e sofre amargamente quando os revezes da guerra atingem os seus irmãos.

O povo português estremece de indignação e de revolta ante as monstruosas barbaridades cometidas pelos fascistas—essa praga negra que começou a guerra sangrenta que enluta a Espanha — e odeia profundamente o governo assassino de Salazar que colabora no massacre das mulheres e das crianças espanholas.

O povo português sente profundamente o que seria se o fascismo ganhasse a guerra. A Espanha, cheia de esperança, com os dias felizes que o aguardam quando se libertar do fascismo, cujos alicerces o povo espanhol está minando dia a dia.

O povo português, em suma, ama do fundo da sua alma, o povo irmão e deseja ardentemente o seu triunfo porque compreende que o triunfo da Espanha republicana é ao mesmo tempo, o triunfo da Paz e da Liberdade, o triunfo do Progresso e do Bem-estar de todos os povos.

Contudo, por doloroso que seja constata-lo, o povo português, apesar de que Portugal representa um papel considerável na guerra de Espanha, o povo português não tem feito o que devia e podia fazer para auxiliar o triunfo do povo espanhol.

Tu que lês este artigo, que és consciente, que estás perfeitamente identificado com a causa do povo espanhol, que tens feito para facilitar a sua vitória?

A que sacrificios materiais te submeteste para participar na compra de provisões e medicamentos para o povo espanhol?

O que tens feito para impedir que os fascistas portugueses prestem todo o género de auxílio aos carrascos do povo espanhol? O que tens feito para lutar contra o fascismo do nosso próprio país, criando, por meio de acções parciais, um amplo movimento de luta que é a mais forte condição para

**UM ANO de GUERRA**

Um ano de guerra. Um ano em que a traição dos generais fascistas pôs a Espanha a ferro e fogo, em que centenas de milhares de espanhóis, homens, mulheres e crianças, foram mortos pelos mouros, alemães e italianos que invadiram a Península. Um ano de traição negra ao Povo Espanhol de um bando de generais serventuários do capitalismo e do fascismo alemão e italiano. Mas um ano de luta gloriosa, de epopeia luminosa de um grande povo que sem armas, sem quadros, sem preparação militar, conseguiu forjar o Exército popular que lhe trará a vitória, se os trabalhadores de todo o mundo lhe derem o apoio efectivo capaz de neutralizar a invasão das divisões alemãs e italianas, a destruição que semeiam os aviões e canhões de Hitler e Mussolini.

Desde a subida ao poder do governo da Frente Popular, legítimo representante do Povo Espanhol, que a nobreza, o alto clero, a casta militar e o capitalismo espanhol, aliados ao fascismo internacional, se preparavam afanosamente para submeter ao seu poder um povo que queria ser livre e desembaraçar-se para sempre da escravidão a que o queriam amarrar. Provoações de toda a espécie, assassinatos de militantes do movimento operário, multiplicavam-se. Em todo o lado, o fascismo ensaiava os seus bandos de assassinos, as falanges, os requetés, para a luta que se tinha de travar abertamente, visto que os ataques traiçoeiros só cimentavam cada vez mais a unidade anti-fascista.

A conspiração começa a fazer-se abertamente. Fazem-se reuniões secretas, irratórias, constituem-se as Ligas militares instrumentos directos da rebelião, constituídas pela grande maioria dos oficiais de exército, sobretudo pela totalidade dos 6.000 de que Azafia o libertara quando o depurara de officis inúteis e perigosos.

Por toda a parte se constituíam depósitos de armas. O fascismo enviava ao estrangeiro, a Mussolini, a Hitler e Salazar, delegados que concertavam auxílios prometiam recompensas territoriais e militares e hipotecavam a independência da Espanha. Lisboa torna-se o quartel general da rebelião futura. No Estoril está Sanjurjo, o traidor que a República, generosa e estupidamente, indultara. É ele quem dirige o plano insurreccional. O Estado português dá-lhe todas as facilidades, inclusivé abundante piquete de policia que lhe guarda o palacete em dias de reunião magna dos conspiradores.

Entretanto, o Partido Comunista Espanhol, as Juventudes Socialistas Unificadas denunciam a conjura, apresentam dados, demonstram o carácter criminoso do que se está preparando.

Ainda era tempo de salvar o povo espanhol. Porém, o governo não crê.

Ou antes, crê na legalidade que tem bem guardadinha entre as folhas dos códigos e os montões de leis que os generais juraram defender e respeitar. Os generais, esses, não perdem tempo a consultar os códigos e a meditar sobre as leis. Preparam friamente tudo. E a provocação entra num período agudo. Atroques continuos ao povo, que responde rijamente mas de modo limitado. As milicias anti-fascistas, palavra de ordem do Partido irmão, crescem lentamente.

Avança o mês de Julho e Castillo, tenente da Guarda de Assalto, comunista dedicado, é morto covardemente. Olivo Sobelo, um dos mais activos preparadores da rebelião que se prepara, é morto saboteador do trabalho das Cortes espanholas, odiado intensamente pelo povo espanhol, é morto pelos companheiros de Castillo. Está dado o sinal. E a 17 de Julho, em Marrocos, os bandos de legionários, escória da sociedade de todo o mundo, os bandos de mouros selvagens e fanáticos preparam-se para uma viagem triunfal a Espanha, pois todas as resistências se inutilizariam perante o ataque fulminante de todas as forças militares espanholas.

Porém, o fascismo enganar-se. Não contara com a esquadrá, não contara com o povo de Espanha. Quando querem atrá vessar o fustro, mouros e leginários são impedidos de o fazer pela esquadrá. Os officis fascistas que se rebelam contra o governo são mortos pu

obrigar o governo português a arripiar caminho na sua politica intervencionista?

Na resposta a estas perguntas reside, em grande parte, a explicação dos motivos por que o povo espanhol não venceu há mais tempo a coligação do fascismo internacional.

Mas porquê o povo português não tem prestado a ajuda que podia prestar ao povo espanhol? Por que se lhe tenha obliterado o sentimento da solidariedade? Não! O movimento de ajuda ao povo espanhol não se tem manifestado mais fortemente porque as organizações anti-fascistas do nosso país — POR NAO ESTAREM SUFFICIENTEMENTE UNIDAS — não têm tido a força e os meios necessários para o organizar.

A Frente Unica proletária ainda não se constituiu e a Frente Popular continua desfalcada dum dos seus naturais elementos: a C.G.T. A DESUNIAO: eis uma das causas do nosso atraso em relação ao movimento internacional de solidariedade ao povo espanhol.

A causa da ajuda ao povo espanhol exige a imediata Unidade de acção da CGT com a CIS e restantes organismos anti-fascistas. Os trabalhadores devem exigir dos dirigentes anarquistas que materializem imediatamente este desejo das massas.

Mas os trabalhadores devem, hoje, mesmo, cimentar a sua união nas fábricas, nos campos e em toda a parte sem fazerem depender a sua acção da desejada união das organizações centrais.

Ainda é tempo de dispensar ao povo espanhol a ajuda de que elle necessita para vencer. Mas não se pode perder um minuto.

Povo português, trabalhadores: a ajuda ao Povo espanhol é um dever sagrado imposto pela defesa dos vossos interesses e dos interesses dos vossos filhos. Cumprir esse dever é apressar a vossa libertação.

«Avante por uma ajuda prática e real ao povo que se bate pela liberdade e pelo bem-estar de todos os povos!

Viva a Espanha republicana.  
Viva a libertação do povo português.

Continua na 2.ª página

UM ANO DE GUERRA

Continuação da 1ª página

feitos prisioneiros. Os fascistas não passarão o Estreito, senão quando a rebelião já estalou em Espanha e grandes aviões italianos os passam dum lado para outro, até o dia em que as esquadras alemã e italiana protegem a passagem. Entretanto, a revolta tinha aparecido em Espanha. Em Salamanca, em Sevilha, em Burgos, em Madrid, em Barcelona, em todas as regiões militares, as tropas tomavam posições. Em Madrid o povo toma de assalto a Montanha e Carabanchel. O glorioso povo de Madrid tem o seu batismo de sangue. Cora pistolas, revólveres e poucas espingardas, toma a Montanha onde começa a adquirir armas. Em Barcelona luta-se heroicamente. Em doze horas é dominada a revolta. Depois é a guerra.

Primeira fase: até Badajoz. Mouros e legionários assassinam e saqueiam todas as populações que se lhes deparam. Os operários de Sevilha, heróicos mas sem armas, são chacinados. Os seus bairros são bombardeados, os fusilamentos são aos milhares. Os legionários chegam a Badajoz. Tem a fronteira portuguesa e arranjam comunicação com o Norte. O povo espanhol tinha sofrido um grande revés. A resistência do povo encarna-se mas debalde. Sem armas, sem munições, sem quadros nem preparação militar, o povo, que conseguiu aitor Molano Guadalrama com o sacrifício de milhares de vidas, tem de ir cedendo, uma a uma, todas as posições do Val do Tejo fortemente atacadas por tropas bem treinadas, esplendidamente armadas com material alemão e italiano que nessa altura já atravessa Portugal. A não-intervenção priva, desde o início da guerra, o governo legítimo do adquirir o que lhe falta, que é tudo. Truncai por FALTA DE MUNIÇÕES! Embora forçadas a recuar pelos ataques da aviação italiana, as milícias dizemam mouros e legionários. Posição a posição, o fascismo avança. Avança mas precisa de reforços. Hitler manda-lhe tropas. E quando, a 7 de Dezembro, é feito o ataque á capital é já nesta coluna motorizada alemã que encabeça os legionários e os mouros. Mas Madrid não era uma cidadozita da provincia. Em Madrid há um Partido Comunista, existe um Partido Socialista, a gloriosa juventude unificada. E ao apelo do Partido Comunista tudo se mobilizará para fortificar a cidade. O Partido toma como palavra de ordem: «Madrid será o túmulo do fascismo!». E Madrid é invencível porque aí existe a mais estreita união entre todos os anti-fascistas. Tropas e tropas fascistas e nazistas atacam a cidade gloriosa que não cede. Impediam-na com bombas incendiárias, metralham-na ao acaso. Nada vence o povo de Madrid, agora já ajudado pela Brigada Internacional e por uma divisão da Catalunha comandada pelo saudável anarquista Boaventura Durruti, figura honrada de filho da classe operária, soldado genial da Revolução, partidário dedicado da unidade dos trabalhadores.

E Madrid resiste vitoriosa já há oito meses e reconquista posições. Madrid será destruída mas não será vencida. Madrid é o símbolo heróico das palavras da nossa querida camarada Dolores Ibaruri, «Pasiónaria»: MAIS VALE MORRER COMBATENDO DO QUE VIVER PARA SEMPRE DE JOELHOS.

Segunda fase: Málaga e Gualajara. A invasão italiana toma aspectos imponentes. E necessário conquistar Málaga, posição importantíssima para o domínio do Mediterrâneo, sonho delirante de Mussolini. Divisões italianas, centenas de aviões atacam a cidade por todos os lados. A Marinha de guerra italiana afasta os navios de guerra espanhóis, ao mesmo tempo que auxilia o bombardeamento dos cruzadores rebeldes. Málaga é tomada. Milhares dos seus habitantes que fogem pelas estradas são dizimados á metralhadora de bordo dos aviões italianos. A «civilização» romana avança...

O comando italiano tem altos objectivos.

Madrid será cercada pelo norte, por toda a parte, as tropas italianas, dezenas de milhar, que vieram de Málaga com outras que entram abertamente em Espanha, apesar da fiscalização, avança furiosamente em Guadalajara. Madrid, porém, já tem o comando único. Exército de terra e aviação vivem coordenados, actuam ao impulso dum mesmo dirigente: o general JOSÉ MIAJAS, o grande soldado que soube dirigir a defesa de Madrid e tornou-a inexpugnável. Sob a sua direcção e com o heroísmo do Exército popular da Brigada Internacional, os invasores italianos são destruídos. E reconquistado o território quasi até Sigüenza.

Terceira fase: A Biscaia. Dezenas de milhar de italianos e alemães, centos de aviões e de carros de carros de assalto, atacam. É a guerra total. Cidades inteiras sem valor militar são destruídas, milhares dos seus habitantes são metralhados. Eibar, Guernica e tantas outras documentam a barbárie fascista. Bilbao é evacuado pelas tropas hitlerianas. As minas de ferro são o pagamento a Hitler. Entretanto, a resistência organiza-se em Santander. E Madrid, sempre Madrid heróica, auxilia a defesa do norte com o violento ataque que leva as suas tropas a Brunete e há de levá-las á vitória definitiva.

Sem armas, sem quadros, sem preparação militar, o povo espanhol outh, sobretudo por impulso do glorioso Partido Comunista e graças á união que se fez na luta entre trabalhadores de todas as tendências, criou o Exército popular, criou quadros que vencerão a invasão estrangeira e permitirão uma nova Espanha Livre, Forte e Feliz, em que seja impossível para sempre existir o fascismo maldito.

PALAVRAS DE «LA PASIONÁRIA»

Á nossa grande e querida PASIONARIA, um dos maiores vultos da Espanha democrática concedeu há pouco uma entrevista a um correspondente da «FEBUS», em que expôs a sua opinião, que é a opinião do Partido do Comunista, sobre o problema religioso. Entre outras, PASIONARIA fez as seguintes declarações:  
«Os verdadeiros católicos terão a satisfação de constatar que

“Batemo-nos pela liberdade dos espanhóis e pela independência da Pátria”

Passagem dum discurso pronunciado por Menéndez Azaña, Presidente da República espanhola, em Valência, em 24 de Janeiro de 1937.

Já não se trata simplesmente de uma guerra civil entre espanhóis. Já não se trata de uma guerra civil entre espanhóis. Já não se trata simplesmente de uma guerra civil entre espanhóis, digamo-lo claro: estamos em presença duma invasão estrangeira em Espanha e o que periga não é somente o regime político do país mas a independência autêntica do nosso país.

Rebelar-se contra um governo, rebelar-se contra o Estado legítimo, estou disposto a considerá-lo, não legítimo, mas natural. O que é anti-natural, é facilitar a invasão da Pátria. Este é o problema moral que se cita para os rebeldes pelo facto da sua acção fazendo entrar em Espanha exercitos estrangeiros.

Ouço dizer por propagandas interessadas, ainda que a minha hygiene mental me leve a prevenir-me delas continuamente, ouço dizer que nos estamos batendo pelo comunismo. É uma enorme estupidez. Se nos batéssemos pelo comunismo só os comunistas se estariam batendo; se nos batéssemos pelo sindicalismo, só os sindicalistas se estariam batendo, e se nos batéssemos pelo republicanismo de esquerda, de centro ou de direita, apenas se estariam batendo os republicanos. Mas não é assim. Nós batemo-nos todos, o operário, os intelectuais, o professor, os burgueses (os burgueses também se batem), os sindicatistas, os partidos políticos e todos os espanhóis que estão agrupados sob a bandeira republicana; batemo-nos pela liberdade dos espanhóis e pela independência da Pátria.

Eu creio nas criações que sairão desta comoção tremenda da Espanha e penso com deleite naquele momento de paz em que a magistade do povo libertado e redimido da tirania, administre os seus destinos de acordo com a experiência recebida e harmonizando-os com os ideais populares que agora se manifestam com tanto vigor. Pode passar esse dia. Não sei qual será o regime político espanhol. Será o que o povo queira; mas o que eu quero é um regime onde os direitos da consciência e da pessoa humana estejam defendidos e consagrados por todo o aparelho político do Estado, onde a liberdade moral e política do homem esteja assegurada; onde o trabalho recupere em Espanha o que quiz fazer dele a República: a única categoria qualificativa do cidadão espanhol e onde esteja assegurada a livre posseção dos destinos do país, pelo povo espanhol em massa, na sua representação total.

SE UM DIA FOR PRECISO VOLTAR A COMBATER CONTRA A TIRANIA, EU DIREI: «PRESENTE!».

Declarações de oficiais alemães prisioneiros de guerra

O jornal anti-fascista alemão «Deutsch Volke Zeitung» de 21 de Março publicou uma entrevista que teve com alguns oficiais aviadores alemães feitos prisioneiros de guerra do exército popular espanhol. Eis algumas das passagens mais interessantes:

Löhning, telegrafista do avião de bombardeamento «JU. 86» derribado pela aviação republicana, declara:

«Como sargento alemão, lamento sinceramente ter aceiteado um mandato para a defesa de interesses que me são completamente estranhos, tendo-me degradado descerdo á categoria de mercenário na luta contra o povo espanhol. A entrega da vida só tem sentido quando o homem está completamente convencido de que cumpre com o seu dever. Só se pode lutar contra outros quando se compreende a necessidade da luta. Cheguei a conclusões que até aqui eram ignoradas por mim e estou disposto a detalhar as minhas declarações.

Günter Löhning, sargento da esquadriha Bölke, Hanover.

O capitão de aviação Otto Wilder da esquadriha de caça Immelmann. Foi preso a bordo dum avião Heinkel que foi obrigado a aterrar em território republicano depois de atingido pelas baterias anti-aéreas governamentais; declarou:

«Ha dois dias que estou na Espanha, em uma comoção prisioneira. Surpreendeu-me o tempo sobre e generoso de que fui alvo. Pudo comprovar que grande parte do povo espanhol, luta com vontade firme, pelos seus ideais e pela sua forma de Governo e comeci a sentir respeito por isto. O meu conceito da guerra civil espanhola está sendo objecto de uma profunda transiormação cujo alcance cujo alcance não posso ainda concretizar. É fora de dúvida que não voltarei mais a contribuir com o meu esforço para aumentar os sofrimentos destes homens.

Valência, 27-3-37 - Otto Wilder.»

O sargento Löhning declara abertamente que o enviaram para Espanha em Janeiro do ano actual. Apesar da ordem dizer: «Esta noite partem para exercícios de longa duração», todos sabiam e quis isso significava: saída para Espanha. O barco «Nizea» levou-os directamente a Sevilha onde foram ancorado. O chefe de toda a base aérea de Sevilha é o capitão Richtofen. O número de aviões varia, mas geralmente acontece haver ali 50 grandes aviões de bombardeamento, 20 alemães e 30 italianos.

O capitão Dr. Knauss mantinha comunicação directa com o chefe de bombardeamento Bolke, de Hanover, para o transporte de novas munições.

«Logo que acabe a guerra, depois da nossa vitória, a liberdade de pensamento não será apenas uma esperança e que a justiça não será letra morta. A liberdade de pensamento será o cadinho onde se purificarão os sentimentos religiosos dos homens e cada um aprenderá a respeitar a personalidade e as crenças dos outros. E por isso que eu creio que os verdadeiros católicos não terão nenhuma saudades das épocas do fanatismo e de intolerância, quando eles vivem as suas crenças respeitadas por todos.»

A LIBERTAÇÃO DA ESPANHA DA OPRESSÃO DOS REACCIONÁRIOS FASCISTAS NÃO É UMA CAUSA PRIVADA DO POVO ESPANHOL, É A CAUSA DE TODA A HUMANIDADE AVANÇADA E PROGRESSIVA (STÁLINE)

## A JUVENTUDE NAS PRIMEIRAS LINHAS

A humanidade jamais esquecerá os jovens heróis da Espanha republicana. Porque essa geração, que a metralha do invasor estrangeiro esfaca e sangra, está defendendo o futuro do mundo, na sua heróica luta pela defesa do pão, da cultura e da Independência do seu país.

Logo no início da sublevação, os jovens filhos e filhas da Espanha marcharam para a frente opondo uma barreira dos seus peitos vigorosos e descobertos às balas do exército traidor. Assim se susteve o primeiro ímpeto fascista.

Depois foram os batalhões heróicos: «Joven Guardia», «Octubre», «Pasionária», «Vanguardia Roja» e tantos outros que aparavam os assaltos ferozes das tropas mouras e dos criminosos da Legião estrangeira.

Mais recentemente, com a formação do exército popular, a juventude continua constituindo o grosso dos efectivos e combatendo gloriosamente contra as divisões dos exércitos regulares alemão e italiano.

Neste ano de guerra, nem durante um só momento a juventude deixou de representar um papel fundamental. É a causa desta grande importância que do facto de que a jovem geração de Espanha se levantou como um só homem, sabendo esquecer de momento os seus antagonismos ideológicos para ter uma preocupação única: «SALVAR A REPUBLICA E A ESPANHA! GANHAR A GUERRA!»

Foi a unidade da juventude espanhola, selada pelo sangue nas barricadas das Astúrias, selada através de anos de combates contra a reacção, selada na grande e vitoriosa batalha de 16 de Fevereiro de 1936, tornada indissolúvel agora através dum ano em que todos os jovens sofreram as mesmas angústias, a mesma tragédia, todo o peso da guerra, foi uma tal unidade que tornou possível a pode-

## O auxílio da URSS ao povo espanhol

Desde o começo da guerra até hoje, a Espanha republicana tem encontrado sempre na União Soviética o mais firme e forte apoio.

Logo nas primeiras semanas da sublevação, o povo soviético organizou subscrições grandiosas que renderam algumas dezenas de milhões de rublos.

A seguir, a União Soviética enviou sem cessar inúmeros barcos carregados de víveres que os fascistas diziam virem carregados de armamentos.

Os operários das fábricas de calçado e vestuário da URSS intensificaram a produção para ajudarem a calçar e a vestir as mulheres e as crianças espanholas.

Mais tarde, quando os fascistas se encarnicaram na execução dos seus princípios de GUERRA TOTAL massacrando ferozmente as mulheres e as crianças, a União Soviética acolheu no seu território milhares e milhares de crianças cuja vida em Espanha perigava.

Ao mesmo tempo, no Comité de Londres, na Sociedade das Nações, em toda a parte, a U.R.S.S. era a única potência a marcar uma po-

rosíssima contribuição da juventude de Espanha para tornar possível o triunfo na heróica batalha travada com o fascismo internacional.

A melhor expressão dessa unidade encontra-se na maior organização juvenil de Espanha: as Juventudes Socialistas Unificadas (J.S.U.), a cujo heroísmo e capacidade organizadora, Majia prestou homenagem numa alocução pronunciada ao microfone da emissora madrileña.

Na frente, com os seus heróicos batalhões; nas fábricas e nas empresas, com as suas abnegadas brigadas de choque; nos serviços hospitalares e de abastecimento, as J.S.U. têm sido incansáveis para tornar possível a vitória. Ao seu lado, lutando com não menor heroísmo, enfileiram os jovens republicanos, os jovens católicos, jovens anarquistas. Todos se encontram irmanados no mesmo objectivo: repelir e esmagar o invasor estrangeiro! Salvar a República e a Espanha!

Muitos dos melhores lutadores da jovem geração de Espanha caíram para sempre nos campos de batalha. Rapazes e raparigas oferecendo as suas vidas à causa dos desherdados e ofendidos. Nem a morte poupou o secretário geral da antiga União das Juventudes Comunistas, o camarada Medrano, que soube ganhar prestígio e a estima não só dos jovens comunistas, como de toda a juventude explorada de Espanha. Mas «os mártires da Revolução viverão eternamente no grande coração da classe operária» (Marx).

A humanidade já mais esquecerá que ficará devendo a sua libertação ao sacrificio de tantos heróis e heroínas. Há mortes que não são vão.

Juventude de Espanha, irmã querida da juventude de todos os países Geração que sangra, na luta que leva a cabo pela sua felicidade, que será a felicidade da jovem geração de todo o mundo. A VITÓRIA SERÁ VOSSA!

sição em defesa da Republica espanhola.

Foi a U.R.S.S. a única potência que, ante as infracções da Alemanha e da Itália ao acordo da não intervenção, proclamou com firmeza que só se considerava ligada aos compromissos tomados na medida em que as outras nações o observassem—o que significava que enviaria armamentos para Espanha se a Itália e a Alemanha continuassem enviando.

O povo espanhol considera altamente o auxílio que a U.R.S.S. lhe tem prestado. Não há coração de espanhol que não albergue uma gratidão imensa pelos seus melhores amigos.

Com o auxílio que têm prestado ao povo espanhol, logo ao movimento anti-fascista de todo o mundo, a U.R.S.S. demonstrou mais uma vez que é a «brigada de choque do proletariado internacional» na luta pela libertação dos povos!

VIVA A U.R.S.S. PATRIA DOS TRABALHADORES.

VIVA O SEU GENIAL TIMO-NEIRO O NOSSO QUERIDO CAMARADA STÁLINE!

## Madrid passa á ofensiva!

Madrid a gloriosa Madrid que durante mais de 7 meses tem sabido resistir, com um heroísmo incedível, a todos os ataques do fascismo passou á ofensiva. Madrid proclamou: NO PASARAN! e o fascismo invasor não passou. Mas o lema do exército popular não é já NO PASARAN! mas sim PASAREMOS! E Madrid, com a mesma bravura com que soube defender-se, sabe agora atacar.

A grande ofensiva do exército republicano começou no dia 6, partindo de Valdemorillo, situado a 10 quilómetros ao sul do Escorial.

Na tarde do dia 6 o exército republicano obteve uma grande vitória conquistando Brunete e Villanueva de Canada. A 8 de Julho Castillo de Villafraanca e Romanillos eram tomadas pelo 5º e 19º corpos do exército popular. No mesmo dia, Mosquito, situado a 3 quilómetros a leste de Brunete, e a aldeia de Los Llanos caíram igualmente sob a acção do 5º corpo do exército republicano. Prosseguindo a sua acção victoriosa o exército popular tomava no dia seguinte Quijorna e finalmente, no dia 11 a brigada Garibaldi, da 3ª Divisão ocupava Villanueva del Pardillo. Em 5 dias o exército popular tinha conseguido um avanço de mais de 250 quilómetros quadrados.

No decurso desta ofensiva, a oes-

te de Madrid, os republicanos fizeram mais de 2.000 prisioneiros. As perdas do inimigo têm sido enormes, tanto no que se refere a homens como a material. Só no decurso da semana passada foram abatidos mais de 30 aparelhos fascistas. Os fascistas não podendo opor uma resistência eficaz ao avanço das tropas republicanas, incendiaram as searas de trigo. Este bárbaro procedimento não consegue, porém, impedir a marcha do exército republicano que continua a sua ofensiva em direcção a Navalcarnero. A imprensa portuguesa, como de costume, tem mentido descaradamente negando que os republicanos tenham conquistado posições. Mas, como é inevitável, a imprensa fascista cai em contradições constantes, desmascarando-se. O cronista militar do «Diário da Manhã» diz, na sua crónica do dia 16-7-37: «Os nacionalistas não irão lançar-se, por agora, contra Madrid, mas TEM ABSOLUTA NECESSIDADE DE CONQUISTAR O MAIS RAPIDAMENTE POSSÍVEL O QUE AINDA LHES FALTA PARA ATINGIR AS SUAS ANTIGAS POSIÇÕES».

A marcha vitoriosa do exército popular espanhol começou. Já nada a poderá deter. O exército espanhol «PASARA». O fascismo será esmagado!

«Os interesses do proletariado internacional e a causa da Paz, coincidem com os interesses do povo espanhol» — Dimitroff

Dimitroff, secretário geral da Internacional Comunista, publicou, ontem, dia 18, na PRAVDA, de Moscovo, um grande artigo sobre o aniversário da guerra em Espanha.

Depois de fazer uma análise brilhante das causas da guerra e de ter posto em relevo o heroísmo do povo espanhol e de ter analisado o carácter da luta por que se bate o povo espanhol, Dimitroff desmascara as responsabilidades das democracias burguesas que, cedendo às ameaças de guerra do fascismo alemão e italiano, consentem que este invada a Espanha. Quem conheça a correlação das forças internacionais sabe que as ameaças do fascismo são uma «chantage» (especulação).

Não é a vitória do fascismo em Espanha que evita a guerra. Pelo contrário, a vitória do fascismo conduziria á guerra. A vitória do povo espanhol afastaria o perigo de guerra. Logo, diz Dimitroff, lutar pela vitória do povo espanhol é lutar pela causa da Paz.

## O governo português contra o povo espanhol

continuação da 6ª página

Portugal foi o único país que apoiou o repugnante acto de represálias exercido pela Alemanha contra a cidade de Almeria. E' ainda Portugal o unico país que segue a Alemanha e a Italia quando estas repudiam a fiscalização.

Com a sua politica monstruosa, o governo de Salazar não só tem contribuido para o prolongamento da guerra como tem escavacado o

## UNIFICAÇÃO DOS PARTIDOS SOCIALISTA E COMUNISTA

Numa recente reunião do Comité Central do Partido Comunista espanhol foi resolvido intensificar a actividade em vista da unificação do Partido Comunista e do Partido Socialista.

O Partido Comunista dirigiu para esse efeito, ao Partido Socialista, uma carta na qual especificava os pontos fundamentais do Programa que devia servir de base á unificação:

1.º—Refôrço do exército popular; 2.º—Criação duma industria de guerra; 3.º—Organização dos transportes; 4.º—Construção de fortificações; 5.º—Coordenação da industria e da economia; 6.º—Melhoramento da situação material dos trabalhadores; 7.º—Intensificação da agricultura; 8.º—Reconhecimento da autonomia da Catalunha, Biscaia, Galiza; 9.º—Estabelecimento de boas relações com a pequena burguesia; 10—Manutenção da ordem na rearguarda

Sob o ponto de vista organizativo o Partido Comunista propunha o estabelecimento do centralismo democrático.

Estas propostas do P.C. têm sido acolhidas com bastante satisfação pelos trabalhadores espanhóis.

Alvarez del Vayo, o destacado militante socialista, tem escrito vários artigos em que se manifesta ferozmente pela unificação dos dois grandes partidos marxistas.

prestigio de Portugal no estrangeiro e tem atraído a justa indignação do povo pacífico da Espanha.

Resta ao povo português resgatar Portugal dos crimes que em seu nome Salazar tem cometido, ajudando a luta heróica do povo espanhol até ao seu completo triunfo.

# FIGURAS DA REVOLUÇÃO

## PASSIONÁRIA

Passionária é a figura mais popular da Espanha dos nossos dias. Passionária é comunista — é membro da direcção do Partido Comunista Espanhol e da Internacional Comunista — mas a sua personalidade, elevando-se por cima dos interesses partidários, tornou-a querida de todo o povo espanhol. Pode haver quem não simpatize com os comunistas. Mas não há quem não estremeça Passionária.

Há pouco, uns camponeses dirigiram-se a Valência; queriam fiar-se no Partido da Passionária. Demonstraram-lhes que esse Partido era o Partido Comunista.

Os camponeses, desconfiados, disseram que não entrariam nem para o Partido Comunista, nem para o Partido Socialista, nem anarquista.

Só entrariam para o Partido da Passionária.

Passionária explicou-lhes pessoalmente que o Partido Comunista era o seu próprio Partido, o Partido do Povo. E os camponeses, contentes, entraram para o Partido Comunista, porque este era o Partido da Passionária.

Passionária é a heroína do povo espanhol. Mas Passionária não é apenas um vulto nacional, uma figura que pertence à galeria dos grandes vultos do proletariado internacional, ao lado de Rosa Luxemburgo, de Liebknecht, de Dimitroff.

Passionária é a figura simbólica da luta do povo oprimido pela liberdade e pela cultura. Foi nos embates dessa luta refletindo o seu próprio desenvolvimento que Passionária se forjou.

Ontem era uma simples aldeã analfabeta, mulher dum modesto mineiro.

Hoje é o melhor orador da Espanha, cujo verbo fogoso, electrizava as massas e as impelle ao triunfo. É um dos mais capacitados dirigentes do Partido Comunista.

O inimigo teme Passionária.

Em 1934, depois da sanguinária repressão das Astúrias, todos os comunistas conhecidos foram presos e a maior parte deles assassinada. Passionária, imperturbavelmente, esteve, às claras, em Oviedo à cabeça duma comissão de mulheres que angariava donativos para os órfãos dos mineiros mortos.

Tôda a gente sabia que Passionária era membro do Comité Central do Partido Comunista. Contudo, as autoridades, que tinham assassinado 5.000 mineiros, não tocaram em Passionária. Limitaram-se a deturpar que saísse de Oviedo.

Os fascistas sabiam que tocar em Passionária seria provocar uma nova explosão e recuar.

Os trabalhadores espanhóis, os camponeses e a própria pequena burguesia amam Passionária como a uma mãe querida. Nas trincheiras, os heróicos combatentes da liberdade falam na Passionária com as lágrimas nos olhos.

Os trabalhadores de todo o mundo rendem à sua querida camarada Dolores Ibarruri, Passionária, o preto da sua mais profunda admiração e simpatia.

E nós, tal como os camponeses de Valência, agrupamo-nos sob a bandeira que a Passionária empunha, que é a bandeira da luta pela Liberdade e pelo Progresso, jurando seguir o exemplo da sua vida brilhante, cheia de abnegação pela causa do povo trabalhador.

## JOSE' DIAZ

1917. A CNT predomina inteiramente em Sevilha, capital da Andaluzia, trincheira de heróicas lutas operárias. O jovem operário padreiro, José Diaz, começa lutando abnegadamente nas fileiras anarquistas. A sua actividade vale-lhe ser perseguido e preso.

Em 1918, é eleito presidente do Sindicato dos padeiros de Sevilha.

A ditadura. Os revolucionários são açoitados como feras. O anarquismo afrouxa. Parece que a sua robustez fôra apenas aparente. Mas muitos militantes anarquistas, sinceros e abnegados, permanecem na frente de combate.

José Diaz analisa com apaixonada atenção as batalhas revolucionárias travadas no mundo. A sua penetrante inteligência e o seu vibrante coração operário, aproximam-no desse heróico proletariado que acabava de livrar da opressão e da exploração uma sexta parte do mundo. Começa, então, militando no Socorro Vermelho.

Em 1927, já comunista de convicção e na sua actividade filiava-se no Partido Comunista. «Havia, então, apenas uma dezena de comunistas em Sevilha», declaram mais tarde. Mas esses poucos que havia, lutavam com a energia e a paixão que só a certeza do se possuir a verdade torna possíveis em homens sinceros. O Partido desenvolve-se. O dirigente regional é preso. José Diaz é, então, designado secretário do Comité Regional da Andaluzia, cargo que ocupou até 1932.

José Diaz — Pepe Diaz, como carinhosamente o chamam — era amado pelo proletariado sevilhano que, sob a sua direcção, havia escrito páginas gloriosas na história da revolução.

O amor do povo por José Diaz era, já nesse tempo, enorme.

Uma ocasião, tendo sido preso pela sua actividade revolucionária, foi condenado a pagar 5.000 pesetas — mais de 15 contos. Sabendo que José Diaz não podia pagar essa autêntica fortuna, o Tribunal esperava, desta maneira, ter José Diaz preso durante muito tempo.

Os trabalhadores de Sevilha abriram uma subscrição que ao fim de 3 dias ultrapassava aquela soma e José Diaz era pôsto em liberdade.

José Diaz era admirado por todos os militantes do Partido que conheciam a sua combatividade, a sua inteligência, o seu ilimitado amor e abnegação pelo Partido.

Por isso, quando em 1932 o grupo sectário Bullegos, Trilla, Adam, e Vega, foi expulso do Partido, este elegeu José Diaz secretário geral.

Mais tarde, em 1935, no VII Congresso da Internacional Comunista José Diaz foi eleito membro do Comité Executivo deste glorioso organismo — guia e dirigente da Revolução mundial.

José Diaz é o guia do heróico Partido Comunista de Espanha. Do partido cujos êxitos se multiplicam; do partido que forjou a unidade do proletariado espanhol; do partido que foi o mais activo obreiro da Frente Popular; do partido que tem indicado com justeza ao povo espanhol o caminho para vencer a guerra; do partido que, desde a primeira hora, tem derramado heroicamente nas frentes, o sangue dos seus melhores filhos. José Diaz é o guia querido do partido da vitória. É o guia querido do povo glorioso que está lutando pela causa de tôda a humanidade progressiva.

## A Passionária na Frente

## FALA DIMITROF

Dolores Ibarruri, mais conhecida pelo nome de Passionária, é uma filha do povo. Ontem ainda operária analfabeta, hoje à frente do comunismo espanhol, é uma das personalidades mais influentes e mais populares do seu país. Não ocupa pôsto algum oficial e no entanto tôdas as autoridades governamentais manifestam um profundo respeito para com esta mulher simples que visita as primeiras linhas vestida de preto.

Os comandantes dos sectores orgulham-se de a ver chegar às suas trincheiras. Para os soldados é uma verdadeira festa.

Uma grande animação reina hoje na Serra do Guadarrama.

As tropas governamentais atacam em três pontos, sob o fogo violento do inimigo. Um avião de caça fascista e dois aviões de bombardeamento governamentais encarrregados de vigiar as posições inimigas passam sulcando o céu. De baixo pode seguir-se a batalha aérea tão facilmente como no cinema; no fundo cinzento de nuvens, os contornos dos aviões destacam-se com tanta clareza como no écran.

Soldados e oficiais procuram dis-

suadir Dolores de se expor à chuva de obuses cujo assobiar é ameaçador. Mas a Passionária encolhe os ombros sorrindo.

Têm razão, diz ela a sorrir, para a outra vez trago um chapéu de chuva.

Entra em tôdas as casas, conversa com todos os homens e com todos os oficiais, interroga os prisioneiros e consegue deles, habilmente, indicações precisas importantes sobre as posições dos insurrectos. Prova à sopa e ralha com os cosinheiros quando não a acha bastante boa. Se chega ao seu conhecimento que um destacamento está privado de legumes frescos e sem fruta há muitos dias, precipita-se para o telefone e mexe céu e terra para obter um caminhão de melões ou de tomates.

Com passo calmo avança até à linha de fogo. Os soldados cumprimentam a Passionária com grande entusiasmo e juntam-se em volta dela.

Dolores atende os mais diversos pedidos dos soldados.

—Vem beber do meu cantil, propõe um deles.

Mas já outros tiveram a mesma idéa e disputam a honra de dar de

beber à Passionária.

—Guarda isto como lembrança, diz um jovem miliciano oferecendo-lhe o seu lenço de seda.

—Poderias remeter esta carta a minha mãe? pergunta um outro entregando-lhe um envelope.

—Olha, Dolores, é preciso que vejas a nossa metralhadora!

Dolores bebe, a seguir de diversos cantis; encarrega-se das missivas, aceita lembranças sorrindo, examina as feridas dos soldados, depois aproxima-se da metralhadora e inicia o fogo.

Os fascistas que, intrigados pela animação que reinava no nosso campo, estão, há alguns minutos, de sobreaviso, respondem vigorosamente.

Quando o fogo cessa, a Passionária arenga aos soldados com ardor.

«Nós combatemos contra o passado, contra a Espanha dos Bourbons e dos Primo de Rivera, nós lutamos contra os nossos agressores. O inimigo tem que ser aniquilado. As forças democráticas do mundo inteiro estão conosco. Mas é sobretudo com as nossas armas que nós devemos contar, porque o fascismo internacional ajuda os

«Nós nossos Partidos temos exemplos de promoções que têm dado resultados excelentes. Na presidência do nosso Congresso, por exemplo, senta-se a comunista espanhola, camarada Dolores. Há dois anos, trabalhava ainda na base. Nos primeiros encontros com o inimigo de classe, revelou-se uma excelente apitadora e lutadora. Promovida logo à direcção do Partido, revelou-se igualmente um membro muito digno dela.»

(Dum discurso pronunciado na Tribuna do VII Congresso da Internacional Comunista, realizado em Moscovo, em 1935.)

nossos inimigos. Nunca se venceu um povo que combate pela sua liberdade. O inimigo pode transformar a Espanha num montão de ruínas, mas não nos reduzirá à escravidão.»

Enquanto ela fala, os soldados entregam-lhe um ramo de flores. São modestas flores da montanha, colhidas nas vertentes da Serra do Guadarrama, sob o ribombar do fogo dos fascistas.

Mitchel Koltzov (redactor em chefe do jornal «Pravda» de Moscovo)

## O papel do Partido Comunista na guerra de Espanha

(Continuad. d. 3ª. página)

grandes fábricas pertencem ao governo; não existem generais traidores — o exército é constituído por trabalhadores e dirigido por trabalhadores ou por homens fiéis à causa do povo. A oficiais do exército são promovido os que melhor se batem contra o fascismo: os pedreiros, como o já célebre comandante Lister; os camponeses como El Campesino; os fundidores, como o nosso saudável camarada Salvador da Cruz, operário do Arsenal de Marinha.

Porventura isto não prova que a Revolução segue em Espanha a sua marcha ascendente, numa forma natural e segura? Sem dúvida!

O PCE não se arreda um milímetro dos seus princípios revolucionários e mantém uma atitude de enérgica intransigência em relação aos que atentem contra a aliança dos operários com as massas camponesas e da pequena burguesia e que em nome da «REVOLUÇÃO» prejudiquem a condução da guerra.

Em Espanha existe quem, em nome da Revolução, queira suprimir a propriedade dos camponeses pobres e médios, obrigando-os a colectivizarem-se.

O Partido Comunista não pode deixar de ser contra tais violências que não têm nada que ver com a Revolução e que só servem para privar a República dum dos seus mais fortes apoios, lançando os camponeses nos braços de Franco que promete respeitar-lhes a propriedade, embora de facto lhas tire.

Existe, em Espanha quem, em nome da «Revolução», se oponha à constituição dum Exército forte, disciplinado, obedecendo a um comando único e centralizado e prefira manter isoladamente milícias e grupos que já por mais de uma vez abandonaram a frente de combate para irem combater os seus próprios irmãos. — também em nome da Revolução!

O Partido Comunista não podia, igualmente, deixar de combater um tal critério porque sabe que, sem um forte e potente exército, não é possível ganhar a guerra.

Existem em Espanha várias fábricas que são dirigidas isoladamente por comités de operários.

O Partido Comunista preconiza a nacionalização dessas fábricas e o estabelecimento do controle operário, eleito democraticamente para que essas grandes fábricas, submetidas a um plano geral, possam produzir segundo as necessidades da guerra e do povo espanhol.

O Partido Comunista Espanhol tem conduzido uma actividade enorme para que se aplique uma política justa de guerra sobre a base da criação dum forte exército regular disciplinado e de comando único, da criação de reservas militares (tanto de recrutamento voluntário como de serviço militar obrigatório) da depuração do Exército; sobre a base da organização dum potente indústria de guerra, da organização grandes trabalhos de fortificação, da reparação e ampliação de estradas etc.

O Partido Comunista foi e continua sendo o melhor obreiro da unidade dos trabalhadores espanhóis, para a qual continua trabalhando activamente em vistas da

## EPISÓDIOS DA GUERRA

18 de Julho de 1936. As tropas rebeldes vindas de A'vila e Segóvia saltam os cumes do Guadarrama e marcham sobre Madrid.

Na cidade apagavam-se lentamente os sons da guerra. Mas o «paque» fazia ainda ouvir o seu som enervante. Já caíra o quartel da Montanha, conquistado pela massa compacta de povo quasi desarreado. Os soldados haviam desobedecido aos oficiais traidores e saíram do quartel gritando: «somos hijos del pueblo! Viva la República!». A multidão beijava-os e abraçava-os emocionada. O Acampamento, sublevado, saíra também. Derrotados, esmagados, dispersos, os fascistas arrastavam-se pelos telhados, furavam como ratos pelas traceiras das casas e daí faziam fogo, como covarde vingança, sobre o povo que, êbrio de vitória, enchia as ruas gritando: «Muera el fascio!»

Os milicianos e guardas de assalto, vencedores, passavam nas Puertas del Sol onde os clamores compassados da multidão faziam tremer os ares. Floresciam de punhos cerrados. Um grito único, um grito de unidade e confraternização: «UHP! UHP!». Unidos, irmãos proletários! Unidos, para esmagar o fascismo e conquistar uma melhor vida. Unidos na vida e na morte.

Os tiros, já raros e irregulares, soavam ainda aqui e ali. Mas, quem os ouvia?

E, entretanto, os batalhões de oficiais da Academia militar de Segóvia avançavam pela serra. O exército, treinado, disciplinado, preparado durante anos com o fim de oprimir o povo, marchava de encontro a essa multidão desorganizada que desconhecia o manejo das armas e a alta estratégia militar. Mas essa multidão, a multidão dos desherdados e ofendidos, tinha um grande coração, uma vontade de ferro e um objectivo definido. Foi com isso que não contavam os generais traidores.

«A entrada dum povoação no Guadarrama, no meio dum estrada — um canhão inimigo fazia fogo de barragem: Não longe, para os lados de Madrid, crepitava a fuzilaria. O povo opunha-se ao avanço fascista, fazendo uma barreira com os peitos descobertos. Atrás de cada homem armado, quatro ou cinco outros homens e mulheres e rapaziños, esperavam ansiosamente. Quem visse, perguntaria o que estava ali fazendo, o que esperava, sob a metralha, tanta gente sem armas. A resposta seria breve. Aquela enorme massa humana que, desarmada e vibrante, acompanhava tão de perto a luta, esperava que morressem os seus irmãos que faziam fogo. Esperava esse momento com mal contida ansiedade para se lhes substituir, para agarrar as suas armas, para poder ferir o inimigo, impedir o avanço, salvar Madrid, a Liberdade, a República.

O canhão, espaçadamente, ia abrindo clareiras nas cerradas colinas de populares. Entre a fuzilaria, uma voz firme se ouvia: «hay que destruirlo!». E, logo, cinco milicianos saltam para um automóvel. Na camisa azul de um deles, brilha uma estrela encarnada. Um saculão. O automóvel arranca ao longo da estrada, em direcção ao inimigo. Muitos combatentes, surpreendidos e ansiosos, deixam pender as armas fumegantes e acompanham com os olhos molhados de emoção esse pequeno carro que se afasta a uma velocidade louca, que se infiltra no terreno inimigo, que conduz para a morte cinco abnegadas vidas. O automóvel avança, avança sempre, aproximando-se assustadoramente desse canhão que, friamente, semeia a morte. Ainda uns tiros isolados procuram sustar a sua marcha veloz. E' tarde. O carro esbarra estrondosamente de encontro ao canhão. Destroços fumegantes enrodam-se e confundem-se com os dilacerados corpos de cinco heróis.

Os combatentes republicanos gritam: vitória! vitória! A avalanche humana precipita-se, esmaga a débil resistência que o inimigo opõe, conquista a povoação. Os fascistas fogem desordenadamente.

Nas ruas conquistadas apinha-se o povo. Ainda se ouvem os tiros dos grupos que perseguem os vencidos. E o grito de guerra, de solidariedade e de amor torna a encher o espaço: «UHP! UHP!». Unidos, irmãos proletários. Unidos na vida e na morte. Unidos para vencer o fascismo assassino. Unidos para conquistar uma nova vida.

Em toda a serra as tropas sublevadas estacam, surpreendidas pela heroica resistência do povo madrilenho.

«No passarán! No passarán!»

Madrid estava salva.

fusão do Partido Socialista e Comunista e da Unificação das duas centrais sindicais.

Mas os esforços do Partido Comunista não têm sido inúteis.

Madrid que soube defender-se épica e sabe agora atacar com bravura.

O Exército popular, forte e disciplinado, existe; a indústria de guerra desenvolve-se; a união de todo o povo espanhol fortifica-se.

Nós, que não duvidámos nunca da vitória, cremos hoje nela com inteira firmeza.

Quando um povo luta tão heróicamente e com tanta fé como o povo espanhol, e quando tem a

guia dos homens com a firmeza e claridade política revolucionária de José Diaz, quando tem a servir-lhe de exemplo figuras dum nobre heroísmo como a de Durruti, quando um povo que luta sente a encorajá-lo a presença de mulheres tão enérgicas, tão sublimes como Passionária, jamais pode ser vencido.

O povo espanhol triunfará e com ele triunfará a causa de toda a humanidade avançada e progressiva.

O seu triunfo é o nosso próprio triunfo; por isso devemos ajudá-lo com todas as nossas forças para que o fascismo seja definitivamente esmagado.

## Salazar, assassino do povo espanhol

(Trechos dum carta aberta dirigida a Salazar pelo grande artista galego e deputado Ramon Suarez Picallo e Afonso R. Castelao)

Porque ajuda V. os militares espanhóis que se ergueram com armas na mão contra o Poder legalmente constituído? Mediu V. os riscos que, de semelhante auxílio, podem advir para o Estado português? Porque a belligerância de Portugal na guerra civil espanhola é indispensável, uma imprudência temerária que não acredita o talento de V.. De resto, pode V. estar certo que a Espanha vai ser o túmulo do fascismo internacional, porque vencer o povo espanhol armado, dentro do próprio território, é tão impossível como apagar as estrelas soprando de Roma. Pois bem: os auxílios fascistas prolongarão a guerra e agravarão os seus resultados, em prejuízo, naturalmente, das concepções que V. defende.

Sabe V. que os militares facciosos defendem, somente, um sistema — o sistema unitário e centralista — que causou a perda do nosso império colonial e a desintegração peninsular. Sabe V. que esses militares desprezam olímpicamente Portugal, sem o conhecerem, e guardam no seu íntimo um anseio irreprimível de reconquistá-lo; ao contrário dos povos autónomos da República espanhola que seriam sempre uma garantia da independência de Portugal.

Pois V. fez-se cúmplice desses assassinos que cometeram em Espanha o crime mais arripante que a História regista. E V. fechou as portas, sempre abertas, da nossa República aos seus próprios amigos que mais tarde prestarão contas a justiça inexorável do povo português.

Sabe V. que na Galiza — ainda irmã de Portugal — se cometeram muitos milhares de assassinatos. Massacraram-se o melhor e o mais robusto da nossa mocidade. Foram mortos rapazes cheios de vida, na presença de seus pais. As estradas apareciam, diariamente, o luto de cadáveres desfeitos para não poderem ser identificados. Fuzilaram-se centos de mulheres. Tiravam-se da cadeia os presos inocentes para serem assassinados durante a noite. As autoridades ordenavam fuzilamentos sem processo prévio. Enfim, basta dizer que era «uma honra» ser julgado e fuzilado «oficialmente». Acabaram de falar do passado; mas ainda hoje continua o massacre dos cidadãos galegos. Pelos jornais da nossa terra — submetidos ao controle militarista — verá V. a insaciável criminalidade dos seus aliados e amigos. Sabe V. que para reconstruir os nossos lares desfeitos resta-nos apenas a reserva dos galegos que andam pelo mundo.

Pois bem estes galegos vingaram os nossos mártires e criarão uma nova Galiza que não comprará os netos em louvor de Portugal, julga V. que os bons galegos — esmagados para sempre — podem viver sem o amaldiçoar? Pois afirmámos-lhe que V. causou o luto de muitas famílias por não abrir generosamente as portas de Portugal. E dizemos-lhe mais: V. será para os sobreviventes da Galiza pouco menos que um assassino, será um cúmplice de assassinos.



### OS FASCISTAS DE PORTUGAL PREPARAM A INTERVENÇÃO DECLARADA CONTRA O POVO ESPANHOL

Nos jornais de 10 de Julho, vem uma nota de Salazar em que se diz que das afirmações feitas sobre política externa por Botelho Moniz no Rádio Club, só este é responsável.

Se Salazar manda interferir as audições de T.S.F. de Espanha, se as cartas são abertas, se os livros das bibliotecas e livrarias são rigorosamente inspecionados, se não há sessão de filarmónica ou de sindicato nacional em que não haja representante da autoridade, como acredita alguém que Botelho Moniz possa dizer ao microfone da Emissora de Franco em Parede, tudo o que queira, sem o Governo português o poder impedir?

Supunhamos que Botelho Moniz endoidecia e se lembrava de dizer ao microfone todas as barbaridades praticadas pelas tropas que invadiram a Espanha, ou num acesso místico, provocado pelo remorso, se lembrava de contar pela T.S.F. todas as cousas que sabe sobre o auxilio dado por Salazar aos rebeldes. Pode acreditar-se que Salazar viria declarar melíffuo, que isso era da responsabilidade de Botelho Moniz? Mas que disse esse famigerado funcionário do nazismo e da União Fabril?

Que Portugal devia tomar uma atitude mais clara e aberta, fazer o que a Itália e a Alemanha já tinham feito.

O Governo deveria MOBILIZAR IMEDIATAMENTE E ENVIAR TROPAS PARA ESPANHA. Assim, se lutaria como era necessário contra o Governo de Valencia a quem SE DECLARARIA GUERRA.

Povo português! Botelho Moniz é um malvado mas não é um inconsciente que fale à toa! BOTELHO MONIZ EXPRESSA O OPINIAO DOS SEUS PATRÕES NAZISTAS! É necessário fazer a MÁXIMA AGITAÇÃO à volta da mobilização e da guerra contra a Espanha. É necessário mostrar a Salazar e aos seus mandantes nazistas que o povo português não colaborará em tal guerra

### O FASCISMO SÓ TRAZ A MORTE

Continuado da 7.ª página

va a missa. 4000 vítimas, 300 mortos.

20 de Abril, bombardeamento do Hospital de Andujar — 122 mortos.

26 de Abril, destruição completa da cidade de Guernica, berço da nacionalidade basca, rica de monumentos históricos e sem valor militar algum. Depois de bombardeadas as casas de 10.000 habitantes, a aviação alemã metralha a população pacífica que fugia, causando milhares de vítimas. 19 de Maio, bombardeamento de Galdakao. Destruição, por bombas incendiarias de Munguia, Sarrauri, Maruri.

3 de Junho: Navios alemães bombardeiam durante 3 horas Almeria, provocando centenas de vítimas...

Bombardamentos selvagens dos bairros populares de Madrid, fuzilamento à metralhadora das mulheres e crianças que fugiam de Bilbao, etc., etc., etc.

É esta a GUERRA TOTAL que o fascismo veio trazer à Espanha e que quer levar a todo o mundo.

## O GOVERNO PORTUGUÊS CONTRA O POVO ESPANHOL

O governo de Salazar tem sido um dos mais fortes apoios do «assismo» na guerra de extermínio que este conduz contra o povo espanhol. Foi em Portugal, com a complicitade de Salazar, que toda a conspiração foi debruçada pelos generais fascistas. Foi Sanjurjo quem de Portugal dirigiu toda a negociação militar.

Quando a revolta rebentou, os espanhóis governamentais que fugiram aos horrores da chacina fascista eram impedidos de entrar em Portugal ou, se conseguiram entrar, eram presos e entregues aos falangistas que os fuzilavam. Dezenas de cidadãos portugueses que viviam em Espanha tiveram igual sorte, de companhia com inúmeros espanhóis que habitavam há muito no nosso País. Salazar abastece os hidro-aviões rebeldes com material do Bom Sucesso (Aviação Marítima) e de Alverca (Aviação Militar). Todas as carabinas metralhadoras da policia são enviadas para Espanha. Camions de material de guerra passam constantemente a fronteira.

Beirolas (fábrica do Exército) fornece tudo o que é possível. Entretanto, Badajoz é atacada. Badajoz é a chave do ataque a Madrid. Salazar permite o reabastecimento consecutivo dos aviões que bombardeiam a cidade e arredores.

Na Rua Castilho, faz-se o recrutamento de centos de desempregados que vão preencher as vagas da Legião Estrangeira.

Mas os bandidos fascistas não têm material de guerra que lhes chegue para o ataque em direcção a Madrid. Vêm os dois primeiros barcos alemães a Lisboa carregados de tanks, aviões, artilharia. Tudo segue como «material sanitario».

Depois, passa tudo, tudo, sem qualquer disfarce, sem nada que impeça a intervenção declarada, apesar de Salazar, clinicamente, ter aceito a não intervenção.

O governo de Salazar não se limita, porém, a intervir directamente na guerra. Com o torpedeamento sistemático de todas as iniciativas para o estabelecimento da não-intervenção, o governo de Salazar facilita a intervenção do fascismo em Espanha.

Foi assim que, no principio de Março, o delegado de Portugal em Londres, fez adiar, com a sua sabotagem, a data da aplicação da fiscalização naval para dar tempo a que os italianos desembarcassem em Espanha milhares de «voluntarios» que, dias depois tomam parte no ataque a Málaga.

Portugal tem sido, em certos casos, o ariete do que a Alemanha e a Italia se têm servido na arena internacional para a sua política e em todos os casos um fantoche que faz côr com os seus patrões.

Continua na página 3

## O que representa para nós o triunfo do fascismo

O governo de Salazar tem feito crer que a sua posição na guerra de Espanha é inspirada pelos altos sentimentos patrióticos de defender a independência de Portugal.

Toda a gente sabe que a República espanhola não tem pretensões imperialistas. É absurdo pensar que depois de conceder a autonomia das nacionalidades oprimidas — Catalunha, Biscaya — a República espanhola quizesse oprimir povos que viveram livres.

Do lado de Franco, combatem as forças mais CHAUVINISTAS para quem a anexação de Portugal à Espanha constitui uma das mais caras aspirações. Os imperialistas espanhóis que proclamam a Unidade da Espanha, não pretendem apenas encorpôr a Catalunha e a Biscaya ao poder central espanhol. Eles sonham, igualmente, em reconstituir na Península, o império dos Filipines de cujo jugo o povo português se libertou em 1640.

Mas o perigo não vem apenas de Franco. O perigo vem da Itália e da Alemanha.

Como o próprio Mussolini o confessa, «a Itália não tem sido neutra». A Itália, bem como a Alemanha, tem combatido na Espanha. Hoje, está claramente provado que a guerra que se trava em Espanha é a guerra do fascismo alemão e italiano pelas minas de ferro de Bilbao, pelas minas de chumbo de Almaden, enfim pelas riquezas do solo espanhol e para a conquista de posições com vistas a uma nova guerra.

Só uma pessoa totalmente desprovida de raciocínio poderia supor que a Alemanha e a Italia, que tantos sacrificios têm feito para conquistar um grande país como a Espanha, recusassem ante um pequeno país como o nosso, mas que é rico, sob o ponto de vista agrícola, que ocupa com as ilhas uma invejável posição estratégica no Atlântico e que, demais, possui colónias riquíssimas que o fascismo ambiciona.

O triunfo do fascismo em Espanha significaria o assenhoriamento de Moçambique e de Angola pela Alemanha e pela Italia e o que é pior — a transformação de Portugal em colónia alemã e italiana, isto é, a escravização nacional e a ruína.

Por outro lado, significaria a guerra mundial, para a qual o fascismo se prepara febrilmente e de que a guerra da Espanha teria sido o campo de partida.

O triunfo do fascismo seria um golpe profundo para o movimento operario de todos os países e para a Democracia. O fascismo, robustecido por novas forças, desencadearia uma nova vaga de repressão contra o povo trabalhador e a exploração atingiria limites até hoje nunca vistos.

É por isso que, ao ajudar a luta do povo espanhol, não só cumprimos um sagrado dever de solidariedade como, principalmente: **asseguramos a independência da nossa terra, defendemos a Paz e conquistamos a Liberdade!**

Avante, pois, pelo triunfo do Povo espanhol!

## O QUE REPRESENTARIA PARA NÓS O TRIUNFO DO FASCISMO

Nós reconhecemos que a ajuda prestada pelo povo português aos seus irmãos espanhóis que lutam pela Liberdade é pela Paz dos povos não tem correspondido nem às necessidades nem mesmo às possibilidades de que dispomos. Contudo, constatamos que foram realizadas acções bastantes significativas que não podem ser olvidadas.

Em Setembro do ano passado, os heróicos marinheiros dos barcos de guerra «Alfonso de Albuquerque» e «Dão» sublevaram-se em sinal de protesto contra a política intervencionista de Salazar, dispostos a exigir, por meio duma luta enérgica, a neutralidade do governo português na guerra de Espanha.

Em Janeiro deste ano, o povo de Lisboa manifestou de novo o seu protesto indignado contra a participação do governo de Portugal na guerra de Espanha, intendendo destruir e danificando bastante o Rádio Club Português — que era e continua sendo a lingua viperina da mentira e da calúnia dos fascistas portugueses e espanhóis — procurando destruir a Fábrica de pólvora de Barcarena onde fabricavam armas para os rebeldes; o depósito de gasolina da Vacuum que se destinava aos generais facciosos; atentando contra o quartel general dos fascistas em Lisboa, etc.

Em Março, a Fábrica Metalúrgica de Benfica onde se fabricavam bombas e granadas para Franco, foi destruída.

Pela mesma ocasião, os camponeses de Serpa assaltaram as camionettes do «combóio automóvel» que levava provisões para Franco.

Por outro lado, e só por intermédio do Socorro Vermelho, foram enviados para a Cruz Vermelha espanhola mais de 8.000\$00 de medicamentos. Em quasi todos os números do nosso ornal publicamos listas de donativos para a Cruz Vermelha da Frente Popular Espanhola.

Não devemos esquecer o movimento de luta das massas trabalhadoras, pelos seus interesses económicos, principalmente o movimento dos heróicos pescadores de bacalhau.

A luta de massas, embora de fins económicos, serve igualmente a causa da ajuda ao povo espanhol, porque enfraquece o fascismo português e cria as condições para o desenvolvimento duma luta superior contra o fascismo.

Estas acções, apesar de insuficientes, demonstram que o povo português está de alma e coração com o povo espanhol e sente a vontade enorme de o ajudar na sua luta contra o fascismo.

Essa vontade deve ser traduzida em factos! O povo português deve impedir praticamente que a mais pequena ajuda seja prestada doravante aos assassinos do povo espanhol.

QUE NEM MAIS UMA ARMA NEM MAIS UM UNICO QUILO DE PROVISÕES SAIAM DE PORTUGAL PARA ALIMENTAR AS TROPAS FASCISTAS!

POR UMA AMPLA RECOLHA DE FUNDOS PARA A CRUZ VERMELHA DA FRENTE POPULAR ESPANHOLA!

## O que dão os "nacionalistas" aos camponeses

No Instituto agrário encontram-se numerosos relatórios de homens fugidos das regiões submetidas à pata fascista.

Toda a obra reformadora da República foi destruída, os militantes camponeses fuzilados, resbalecidos os privilégios dos grandes proprietários.

Lede algumas das notas que nós compilamos:

A propriedade «La Golondrina», municipalidade de Torremachó (Cáceres), pertencente a Gonzalo Montenegro, presidente dos Proprietários e Gentishomens da Câmara de Afonso XIII, havia 28 anos que não era cultivada!

Depois das eleições de 10 de Fevereiro, a terra foi entregue aos operários que a arrotearam. Porém, logo que triunfou o Golpe de Estado, os operários foram corridos da sua propriedade, a maior parte presos e os dirigentes do sindicato fuzilados.

A propriedade «Valero», em Torrejón (Cáceres), pertencia ao Duque d'Arion. Mais de 1.000 hectares de superfície.

Quando os veados e os javalis saíam da montanha, destruíam as culturas dos camponeses e estes nem mesmo tinham o direito de caçá-los nas suas próprias terras. Os lobos destruíam os seus rebanhos sem que eles pudessem organizar batidas para os exterminar.

Esta propriedade foi declarada de utilidade social e entregue às populações circunvizinhas onde havia mais de 3.000 operários agrícolas em desemprego total. Hoje, os fascistas entregaram-na aos antigos proprietários que a visitam duas vezes por ano na companhia dos seus amigos. Os dirigentes, na sua maioria, foram fuzilados outros sê-lo-hão, provavelmente, como Palomo Jarajeco, acusado de ser o principal culpado da entrega por utilidade pública deste domínio senhorial.

ROBERT DESRIAX  
(delegado em Espanha dos A.U.S. da Argélia)

## O FASCISMO SÓ TRAZ A MORTE

O «Diário de Lisboa» de 11-5-37 transcreveu da revista alemã «Mittler Wochenblatt» os seguintes períodos:

«Nenhum Estado está hoje em condições de renunciar ao bombardeamento de cidades abertas, até agora contrário ao direito das gentes.»

A guerra total não é a guerra entre exércitos. Não se contenta com privar de armas o exército inimigo mas ameaça igualmente com a fome e a miséria, sem ter em conta nem idades nem sexos. O fundamental da guerra é o nível da nossa civilização.»

Avulta-se, por estas simples páginas dum calendário, como o fascismo aplica, em Espanha, o que ele considera o nível da sua «civilização».

10 de Março, bombardeamento das igrejas e conventos de Durango e Ochandiano - 200 mortos, 300 feridos. 2 de Abril, novo bombardeamento das igrejas de Durango em que se celebra

## O que a Frente Popular Espanhola DEU AOS CAMPONESES

O problema agrário foi e continua sendo um dos problemas mais palpantes da Revolução espanhola.

Desde a implantação da República, em 11 de Abril de 1931 até aos nossos dias não se produziu movimento social importante em que a questão agrária não aparecesse como um dos móveis fundamentais. A própria insurreição dos generais contra o governo legal da Espanha teve como ponto de partida a questão agrária, isto é, a defesa dos interesses dos grandes senhores da Terra atingidos pela obra justiça da Frente Popular em benefício dos camponeses pobres.

Para bem o compreendermos, pois, as origens da guerra que se trava em Espanha temos que analisar, ainda que rapidamente, a situação agrária daquele país desde os últimos anos da monarquia até hoje.

Antes da República, a repartição das terras da Espanha era a seguinte:

- 1% da população que vivia da agricultura possuía 51% da terra.
- 14% da população possuía 35,2% da terra.
- 20% da população possuía 11% da terra.
- 25% da população possuía 2,2% da terra.
- 40% da população não possuía nada.

Isto é, 1% da população agrícola, ou seja cerca de 50.000 mil proprietários, possuía mais de metade da Espanha; enquanto que 40% da população, ou seja cerca de 2 milhões de operários agrícolas, não possuíam um único bocado de terra.

Dum lado existia um punhado de senhores absolutos que possuíam domínios enormes e aldeias inteiras, em que todas as casas, as fontes e até a própria igreja lhes pertencia. O aldeão não podia sequer criar coelhos ou galinhas sem autorização do «terrateniente».

Doutro lado existia uma legião imensa de operários agrícolas esmagados que possuíam apenas os braços que alugavam pelos mais miseráveis salários. A República procurou vacilantemente resolver este problema distribuindo uma parte das terras, embora concedendo aos seus proprietários importantes indemnizações.

Estes, com um egoísmo feroz, para impedir que a sorte dos camponeses melhorasse, organizaram, em 10 de agosto de 1932, uma revolta militar à cabeça da qual puzeram o general Sanjurjo.

A revolta falhou mas a reacção, longe de desarmar, reforçou a sua actividade, até que, aproveitando a desunião dos vários partidos, instalou Gil Robles no Poder, que fez anular todas as regalias dadas pela República aos camponeses.

Dois anos de negra reacção não puderam aniquilar o movimento das massas. Estas, pelo contrário, souberam unificar-se, constituindo a Frente Popular que, vitoriosa em 16 de Fevereiro de 1936, começou a pôr em prática dum forma mais enérgica a REFORMA AGRARIA tão ardentemente desejada pelos camponeses.

Os rendeiros expulsos das propriedades que amanhavam, pelos senhores das terras, durante os 2 anos de reacção em que o poder esteve nas mãos de Gil Robles e C.ª, foram, por lei, readmitidos.

Uma outra lei previa a aquisição das terras pelos rendeiros que as amanhavam.

Enfim, de Fevereiro a Julho de 1936, foram distribuídas pelos camponeses 712.070 hectares de terra.

Foi então que os grandes proprietários, pondo de novo Sanjurjo à cabeça, mas desta vez com o auxílio do estrangeiro, provocaram a guerra.

Como é conhecido, depois da eclosão da guerra, procedeu-se à reconstituição do governo do qual passou a fazer parte o glorioso Partido Comunista espanhol. De então para cá, com o nosso querido camarada Vicente Uribe, membro da direcção do Partido Comunista, à frente do Ministério da Agricultura, operou-se uma transformação profunda na vida camponesa da Espanha.

O senhor absoluto, dono de domínios enormes, desapareceu. A terra passou a pertencer aos que nela trabalhavam.

Nos últimos anos da monarquia os camponeses receberam 68.121 hectares de terreno. Nos 3 anos de República 164.265.

Sob a Frente Popular, de Fevereiro a Julho de 1936, 712.060 hectares.

E desde que o governo da Frente Popular se reforçou com a participação do nosso Partido Comunista, os camponeses receberam 3.042.176.

A Frente Popular acabou com a escravatura no campo e tornou o camponês livre e deu-lhe as terras que ele amanhava com o suor do seu rosto. Ao mesmo tempo que respeita a terra dos pequenos e médios proprietários, a Frente Popular auxilia os camponeses a desenvolverem a sua economia, organiza a distribuição das máquinas agrícolas, fomenta o desenvolvimento das localidades rurais, estimula o movimento cooperativista e de socorros mútuos, cria escolas superiores de agricultura, etc.

A Frente Popular salvou o camponês espanhol da miséria, da fome e da escravidão e abre-lhe o caminho para uma vida plena de felicidade.

Igualmente a Frente Popular Portuguesa salvará o camponês da nossa terra, tornando-o um ser livre num

## PORTUGAL LIVRE E FELIZ

Se não vos opuzderes aos bombardeamentos dos hospitais e dos museus, dos bairros populares e das crianças que brincam, todos vós, povos do mundo, sofrereis, cedo ou tarde, a mesma sorte.

ROMAIN ROLLAND

## FRENTE POPULAR ESPANHOLA

Uma das provas mais eloquentes da força criadora do povo consiste na obra de defesa e de transformação da cultura que o nosso Ministério está realizando. Um facto que desmascara todos aqueles que, com o fim de dissimular a sua própria barbárie, falam da barbárie e da melha, é o de que no auge da guerra civil e a despeito da obra das melhores forças do país, os problemas da actualidade, o Governo e o Parlamento da Frente Popular votaram um orçamento de instrução pública que representa um aumento de 170 milhões de pesetas sobre o orçamento correspondente do ano anterior.

10.000 lugares de professores primários foram criados e pôde-se ainda aumentar a retribuição anual dos professores da mais modesta categoria o que equivale a um aumento de 40 milhões de pesetas só para os salários desse professorado da República.

Os cursos noturnos para adultos, foram dotados com 2.500.000 pesetas. A luta contra o analfabetismo viu-se alimentada com novos recursos que se elevam a 11 milhões. Pela primeira vez previu-se no novo orçamento do Estado uma soma destinada à organização da educação post-escolar (2 milhões de pesetas). Em proporções amplias o trabalho de educação post-escolar intensificou-se, assim como a dotação de cada escola para serviços auxiliares tais como: colónias escolares, cantinas, vestiários, etc...; contra a soma de um milhão de pesetas do ano precedente, o Ministério pôz à disposição do ensino nacional 7 milhões para o desenvolvimento futuro destas obras.

Para permitir aos filhos do povo, beneficiar do ensino técnico superior e universitário, o orçamento do Ministério previu a soma de 5 milhões de pesetas para criação de residências populares de estudantes e de cantinas universitárias em combinação com um vasto sistema de bolsas e pensões do Estado. Neste domínio, no entanto, a inovação mais importante do nosso Ministério é a criação de Institutos Operários destinados a facilitar à classe operária o acesso aos estudos superiores; o primeiro destes Institutos começa já a funcionar no dia 15 de Janeiro de 1937, em Valência, com 150 jovens operários designados pelos seus sindicatos.

A nossa orientação tende a eliminar da instrução pública todas as castas privilegiadas e parasitas que barravam o caminho à intelligência popular.

Eis em resumo a obra realizada pelo Ministério da Instrução Pública durante estes meses de guerra civil; eis, também, as perspectivas mais imediatas do futuro. O triunfo do povo fará destas perspectivas uma maravilhosa realidade, quando chegar a hora de reconstruir, sobre bases estáveis, a nossa ciência e a nossa cultura abaladas e ameaçadas pela fúria selvagem dos inimigos da Espanha e da Humanidade.

JESUS HERNANDEZ

Ministro da Instrução Pública  
membro do Bureau Político do Partido Comunista de ESPANHA

Viva o heroico Partido Comunista Espanhol que se bate nas primeiras linhas pela vitória do povo  
VIVAM JOSÉ DIAZ E PASSIONARIA!

"Todos los militantes  
están en el frente"

Passagens do discurso pronunciado pelo camarada Giron, membro do Partido Comunista, num comício efectuado em Madrid em 16 de Maio do corrente ano:

Camaradas: Quando o inimigo se encontrava a 50 quilómetros de Madrid, o nosso Partido disse: É necessário fortificar Madrid para que seja uma fortaleza inexpugnável. O nosso Partido pediu: Suspendamos as obras de construção em Madrid e dediquemos o material e os homens a fortificar Madrid.

Apesar de que nas esferas oficiais não se escutava a sua voz, o nosso Partido conseguiu interessar as massas, conseguiu mobilizar o povo de Madrid e todos os domingos mandou milhares e milhares de operários e de operárias que marchavam juntamente com o nosso Partido para fortificar Madrid. Nós tínhamos o exemplo magnífico dos nossos dirigentes Pe e Díaz, da nossa Dolores (Passionaria), do nosso Comité de província que marchavam, também, para a frente a empunhar o picarete para fazer trincheiras e impedir que o fascismo entrasse em Madrid.

Vistes, camaradas, como Jois dias antes do cerco de Madrid se compreendeu como a palavra de ordem do nosso Partido era justa e necessária; dois dias antes começaram os trabalhos oficiais para fortificar Madrid.

Chegamos à data do 7 de Novembro. Todos se devem recordar que era um dia cheio de dúvidas, um dia cheio de temores; havia mesmo homens responsáveis que duvidavam e vacilavam; dia, no qual houve grandes generais que mereceram o qualificativo de "generais da derrota" que diziam que Madrid se perderia, que Madrid seria do Fascismo. E nós dissemos — é preciso defender Madrid; e, respondendo à palavra de ordem lançada pelo camarada Pepe Díaz, palavra de ordem que dizia: «COMUNISTAS NA PRIMEIRA LINHA!», o Partido em Madrid foi defender a situação: o Partido pôs-se na vanguarda, ali estavam os comunistas madrilenos na primeira linha, na vanguarda e na retaguarda, e Madrid defendeu-se. Lembrai-vos de Carabanchel, da estrada da Extremadura, em cujos lugares, podemos dizer com grande orgulho, foram os militantes do P., à cabeça dos quais se encontrava o Comité de província que juntamente com as massas, impediram a passagem do fascismo em Madrid. Cabe-nos o orgulho de ter defendido Madrid do invasor. (grans aplausos)

Mobilizámos todos os militantes do P., formámos os heróicos batalhões que defenderam Carabanchel e quando faziam falta mais homens para defender as trincheiras, o P. pedia novos militantes e um dia os nossos camaradas dos Comités de Zona disseram-nos: «Camaradas do Comité de Província: NÃO PODEMOS DAR-VOS MAIS MILITANTES PORQUE NÃO TEMOS MAIS, ESTÃO TODOS NA FRENTE». Esta é a expressão de como o P.C. mobilizou até ao último militante para defender a capital da Espanha.

## O papel do Partido Comunista na guerra de Espanha

Partindo duma apreciação justa do caracter da guerra que se desenrola actualmente em Espanha, o Partido Comunista tem proclamado que a tarefa fundamental do povo espanhol, na actualidade, consiste na concentração de todos os seus esforços para GANHAR A GUERRA.

Dando o exemplo, o Partido Comunista espanhol, não tem poupado nem energias, nem os seus melhores militantes — que têm tumbado aos milhares, nos campos da batalha — para que o povo espanhol alcance a vitória militar sobre os seus inimigos.

Os trotsquistas do P.O.U.M., a mando de Trotski & C., combatem encarnadamente esta atitude do Partido Comunista proclamando que a tarefa fundamental do povo espanhol consistia em «PAZER A REVOLUÇÃO».

A posição dos Trotskistas parece, à primeira vista, revolucionária, mas, no fundo, os trotskistas não faziam mais do que cobrir-se com palavras «revolucionárias» para atacarem impunemente o governo e as organizações da Frente Popular que dirigem a luta do povo contra o fascismo.

A guerra actual da Espanha é uma «GUERRA DE INDEPENDÊNCIA NACIONAL» contra a invasão militar colonizadora do imperialismo fascista da Alemanha e da Italia, ajudados por outros países fascistas» (De resolução do Pleno do C.C. do P.C. espanhol de 3-3-1937).

Contra o povo espanhol combatem encarnadamente exércitos italianos e alemães bem armados e equipados; combatem legiões de mouros e de mercenários de todos os países, apoiados por varios Estados fascistas entre os quais o nosso.

«A coligação armada do fascismo internacional a Republica não pode opor simplesmente os partidários da Ditadura do Proletariado ou do «Comunismo Libertário».

«A coligação do fascismo internacional a Republica não pode opor-se não quizer ser esmagada — a união de todo o povo espanhol».

Ora uma grande parte do povo espanhol — os camponeses, a pequena burguesia, os católicos, etc. — não compreende ainda a necessidade da Revolução a que aspiram os comunistas ou os anarquistas. Nestas condições, fazer a «Revolução», impor pela força das armas — doutra maneira não se pode impor — a Ditadura do Proletariado ou o «Comunismo não Libertário» a essas camadas da população que se batem heróicamente nas trincheiras e de que os católicos bascos têm dado os mais brilhantes exemplos, seria privar o proletariado dos seus melhores aliados, seria dar um golpe mortal na Frente Popular, seria cortar o desenvolvimento natural da Revolução, seria favorecer o avanço do fascismo!

Eis donde conduzem as taticas «ultra-revolucionarias» — à contra-revolução e ao fascismo!

Empregando todos os seus esforços para que o povo espanhol ganhe a guerra, o Partido Comunista da Espanha defende a única tática revolucionaria porque, se o fascismo ganhasse a guerra, a Revolução ficaria — não se sabe por quanto tempo — derrotada.

Demais, negar o conteúdo profundamente revolucionario da Republica popular espanhola é negar a realidade.

Na Espanha republicana não existem grandes proprietários — a terra pertence aos camponeses que a trabalham; não existem capitalistas, as

Continua na 5ª página

## O que querem os comunistas

Que queremos nós os comunistas? Queremos que se faça uma politica de guerra consequente e que todas as forças armadas se enquadrem no Exército popular e, sob a disciplina militar, que se implante duma vez para sempre o somando de um Estado Maior unico; que se depure a fundo os comandos e se premeiem e se promovam os que se tenham distinguido na luta pela sua capacidade e abnegação; que se monte rapidamente uma poderosa industria de guerra. Queremos uma politica económica que assegure ao governo a possibilidade de dispor de todos os recursos economicos do país, garantindo a produção necessária para as frentes e a retaguarda; que se assegure o respeito pelas pequenas industrias e pelos proprietários modestos; que se organize o controle operário na produção para defender os interesses dos trabalhadores e garantir a disciplina no trabalho; que se protejam os interesses dos camponeses, quer individuais quer colectivos, acabando com todas as expropriações e roubos no campo; que se fomente e estimule a criação de Cooperativas camponesas e se assegure mercado e preços compensadores aos produtos; que se adopte uma politica financeira de exportação e importação; que se ponham todas as moedas e valores estrangeiros à disposição do ministro das finanças. Queremos que em todo o território republicano se instaure o mantenha a ordem republicana, perseguindo implacavelmente quantos a perturbem. Que se acabe com os vadios, os parasitas emboscados na retaguarda e que não haja mais forças armadas de policia nem de controle senão as das autoridades legítimas do governo.

(Do manifesto do P.C. Espanhol publicado após a crise do governo de Largo Caballero).

## A Internacional Comunista aprova a politica do Partido Comunista Espanhol

Passagens essenciais do importante e histórico documento aprovado em reunião do presidium do Comité Executivo da I.C., em 28 de Dezembro de 1936:

O presidium do C.E. da I.C. aprova a linha do Comité Central do Partido Comunista Espanhol tendente a mobilizar os membros do Partido e de todas as massas populares para a luta contra os fascistas que querem aniquilar o regime parlamentar e estabelecer a ditadura fascista, aprova a sua linha de luta pela defesa e consolidação da Republica parlamentar democratica que garanta todos os direitos e todas as liberdades do povo espanhol, da Republica da Frente Popular, em que a base material do fascismo será destruída, onde não haverá lugar para o fascismo e onde o povo poderá exprimir livremente a sua vontade e decidir por si mesmo a sua sorte.

O presidium do C.E. acha justa a posição tomada pelo Partido contra a tendência do nacionalizar, sem descernimento, toda a industria; solidariza-se com a linha do Partido segundo a qual esta nacionalização deve ser determinada pelas necessidades de defesa da Republica e deve ser dirigida contra as tentativas dos inimigos de organizar a sabotagem e a ruína económica e contra os que participem directamente na rebelião.

O presidium do C.E. da I.C. aprova a linha do Partido que visa o estabelecimento duma aliança estreita da classe operária com as massas camponesas e outras camadas trabalhadoras e, por consequência, a entrega aos camponeses das terras confiscadas aos proprietários fascistas, aprova a linha de protecção e de segurança dos direitos de posse e dos interesses da pequena e média propriedade, a linha que tende a reprimir a apropriação dos produtos da população trabalhadora dos campos e das cidades. Nas condições actuais, as tentativas precipitadas de colectivização da economia camponesa só podem prejudicar a causa comum da Frente Popular na luta contra os rebeldes fascistas.

O presidium do C.E. da I.C. aprova inteiramente a linha do Partido tendente à unificação politica, militar e económica cada vez mais estreita de todo o país numa só aliança fraternal e indissolúvel da luta de todas nacionalidades em vistas de se obter a unidade de direcção de todas as forças armadas republicanas, de todas as acções e operações sobre todas as frentes, de assegurar o máximo de rendimento da economia nacional para as necessidades da guerra.

A Resolução do presidium do C.E. da I.C. termina por um vibrante apelo à «solidariedade do proletariado internacional e das forças democraticas de todos os países para activarem mais ainda o apoio fraternal ao povo espanhol».